MONTOU-SE UM DISPOSITIVO DE GUERRA NA BAIXADA FLUMINENSE

Domingos Lopes, "relações públicas" dos agitadores

Eugênio Vicente, um dos lavradores ameaçados por não se submeterem às ordens do tripé

Tolentino não pode mais morar na casa que está às suas costas. Foi expulso por não obedecer aos chefes do movimento

A ORGANIZAÇÃO subversiva instalada na Baixada Fluminense é bem montada demais para se admitir seja um movimento surgido espontâneamente como conseqüência da situação social dos lavradores. Trata-se de uma máquina bem lubrificada, com seus homens de cúpula, assessôres técnicos, a rêde de espionagem e postos avançados.

Está montada num tripé, distribuído nos três pontos capitais da Fazenda São Lourenço, vasta área com ascendência estratégica, dada a sua situação topográfica, sôbre as fazendas dos arredores: Capivari, Lamarão, Chapéu de Sol e Mato Grosso, verdadeiras válvulas de escape. A região é montanhosa, abrindo-se num semicírculo, cobrindo tôdas as vias de acesso. No declive dos montes estão instaladas vigias no tôpo de árvores, com condições para nelas se dormir se fôr o caso. Logo abaixo, em meio à vegetação de altura mediana, as casamatas, a intervalos regulares.

Autêntico dispositivo de guerra. Ninguém atinge o coração da área despercebido.

Tripé

O tripé de cúpula é formado por Joaquim Antônio, o "Capixaba", conhecido pelos seus comandados como "Capitão"; Maximiano Vieira da Silva, o "Comissário", e Francisco José da Silva, o "Chefe". Os três nunca são encontrados em suas próprias casas, nem se reúnem em lugar fixo. Só um homem entretanto sabe onde encontrá-los: Domingos da Costa Lopes, o "relações públicas" da organização. Dinâmico, rápido, bem falante, parece ter o dom da ubiqüidade. A nada se nega e diz estar pronto a prestar qualquer informação.

Diz-se camponês, mas não trabalha no campo. Paga para que cultivem sua área e explica sua ausência da terra, alegando invariàvelmente, doença. Leva consigo um croquis da região, mostrando tôdas as vias de acesso, número de camponeses, casas, sítios. Sabe de cor o nome dos homens considerados fiéis ao núcleo e dos duvidosos. É, ainda, o executor das decisões extraídas das reuniões do núcleo, sempre aos primeiros domingos de cada mês.

As reuniões se destinam a uma análise da situação geral, resultando, geralmente, na expulsão dos lavradores considerados suspeitos, sob ameaça de morte, sendo substituídos por outros, aliciados fora. A lei é "a do mais forte" e não há complacência. O objetivo é arregimentar um grupo coeso, para o fim a que se propõem: agitar. As fazendas não são cultivadas, na acepção do têrmo, a não ser pequenas áreas, com mandioca, aipim e inhame; o mais são bananeiras nativas.

As colinas e as serras são usadas para o desmatamento. A lenha e o carvão são as principais fontes de renda. As orlas da mata, acompanhando as estradas, nas elevações são conservadas para permitirem a instalação dos postos de observação protegidos.

Armados

Os camponeses têm armas, de simples espingardas a metralhadoras. Camponeses que não aceitam as determinações dos comandantes levaram repórteres de O GLOBO ao local onde comumente são guardadas as de maior porte — fuzis, revólveres 45 e metralhadoras. Essas armas foram usadas durante o levante de Capivari, segundo o testemunho da Professôra Maria da Conceição Alves, do seu marido Joaquim Pedro Alves, moradores nas imediações do arsenal — que fica num subterrâneo da casa de Joaquim Antônio, o "Capitão" —, e dos Srs. José Tolentino, Adelino Alves e Eugênio Vicente.

A professôra viu a retirada das armas do depósito e sua distribuição entre cêrca de 80 homens. Os distribuidores foram o "Capitão", o "Comissário" e o "Chefe", em cujas casas são também guardadas armas, segundo denúncia das mesmas pessoas.

O Sr. José Tolentino sofreu dois atentados porque conseguiu levar à DOPS, em Niterói, material subversivo que estava em poder de Francisco Silva, o "Chefe". Depois disso, todo o material de agitação foi removido para a casa de José Pureza Filho, o instrutor-oficial de guerrilhas, com estágio realizado em Cuba, morador no quilômetro 43 da Linha Auxiliar da Central do Brasil, em Capivari.

José Tolentino, ainda por causa de sua rebeldia, foi expulso do sítio que lhe fôra doado, nas margens do rio Pati, sendo obrigado a mudar-se para Belfort Roxo. Seu sítio foi ocupado, a semana passada, por José Marques, desconhecido no local. A decisão foi tomada pelo tripé, com aprovação da "assembléia", presidida por Mário Gorgonha, presidente do núcleo, homem violento, que costuma levar para as reuniões as decisões prèviamente tomadas pelo tripé.

Pontos Estratégicos

Os três homens-chaves moram em pontos estratégicos. A casa de Joaquim Antônio fica no Quelengue, em São Lourenço, em ponto recuado da estrada geral mas com vias de acesso para a Fábrica Nacional de Motores, Lamarão, Tinguá e Capivari. Está construída no sopé de uma elevação, tendo à frente um grotão, acessível aos conhecedores do local. Parte da moradia está apoiada no declive da elevação, e a outra em pilotis de madeira. O piso da residência é de tábuas; na sala, há um piso falso que se abre dando ingresso ao porão onde são comumente guardadas as armas.

Francisco Silva ocupou a casa da Fazenda São Lourenço, numa baixada cercada de morros. Parte do piso da sala da frente é falso e também dá acesso a um porão. À frente, a cêrca de cem metros, está a residência de Domingos da Costa Lopes, numa curvatura dentro do mato.

Maximiano Vieira da Silva, o "Comissário", mora no lugar denominado Rio de Areia, na mesma fazenda, numa ampla baixada. O Rio de Areia, um córrego, passa a 200 metros da residência, impedindo que a estrada dê passagem a veículos. Para atingi-la, tem-se que caminhar num corredor fechado de mato e limoeiro doce. A casa fica à direita e tem um depósito aos fundos. Na frente, outra casa, denominada "escolinha", onde há reuniões periódicas, e, segundo informações, exercícios de tiro. As famílias dêsses homens são bem instruídas e evitam a entrada de pessoas estranhas. Recebem-nas geralmente da janela, e jamais sabem o paradeiro dos chefes da casa.

Vai a Cuba

O "Capitão" vai a Cuba. A informação, dada por pessoas ligadas ao movimento, foi confirmada por sua própria companheira, Dona Maria Antônia, mãe de nove filhos, que perguntou se Cuba era muito longe. Não soube dizer o que o marido iria fazer lá:

— Êle nunca me diz o que faz.

A verdade é que Joaquim Antônio não tem condições econômicas para, por iniciativa própria, promover a viagem, assim como não as teve José Pureza Filho, em cuja residência foi apreendido material de subversão. A viagem está prevista para êste mês. Êle foi escolhido segundo informação colhida também em São Lourenço, pela Associação dos Lavradores em Caxias, instalada no prédio 1 652, 3.º andar, da Avenida Rio-Petrópolis, em Caxias.

Operação Dirigida

A "operação Capivari" foi dirigida e planejada na residência de Maximiano Vieira da Silva, no rio de Areia. A denúncia é de moradores da fazenda São Lourenço e que fazem parte do núcleo sob coação. Explicaram que as vigias e as casamatas encontradas em Capivari foram feitas com antecedência. Inicialmente fôra escolhida como quartel-general do movimento uma casa em ruínas no tôpo de uma elevação, às margens do local denominado "churrascaria", onde existe uma piscina natural.

A picada que vai da piscina à casa em ruínas está pontilhada de vigias, descortinando tôda a estrada que vai ter ao local. Os participantes foram convocados de Lamarão, Piranema, São Lourenço, Nova Aurora, Chapéu de Sol, Pedra Lisa, Morro Grande, Fazenda da Santa e outros locais. Os lavradores de Capivari foram colhidos de surprêsa, pois o único que tinha conhecimento prévio era Osmar Mesquita Moreira, presidente do núcleo. Êle, de comum acôrdo com José Pureza Filho e com os líderes de São Lourenço, convidou o falso padre Aníbal Mendes, para liderar o movimento e afastar, assim, a hipótese de um levante premeditado, evitando também o aparecimento do tripé de São Lourenço. Anuncia-se para breve outro movimento, abrangendo Chapéu de Sol e a Fazenda da Santa.

Participantes

Integrados nos planos de agitação, participaram do movimento, entre outros: Eliseu Maria do Carmo (espião), do Morro Grande; Rodolfo de tal (São Lourenço), Carlos Machado, presidente do núcleo de Piranema; Jonas de tal (Lamarão), Mário Gorgonha, presidente do núcleo de São Lourenço; Elieser Camargo (espião), de Lamarão; José Pureza Filho, instrutor de guerrilhas; Geu Mota, de Lamarão; Felix Escobar (Corte 15, Caxias), Antônio Cavalier (Piranema), Henrique Neves de Carvalho (São Lourenço), que está desaparecido, desde o dia da rebelião, segundo seu pai, Sr. Odavio Neves de Carvalho; Antônio José da Silva (Tinguá), Domingos da Costa Lopes (São Lourenço), Antônio Bonifácio (fazenda da Santa), Avelino Carneiro da Costa (Cantão de Santa Cruz) e Osvaldo Pereira Santana (Mato Grosso).

Os chefes do movimento semeiam apenas agitação. As bananeiras ao longo da trilha que leva à casa do "comissário" já lá estavam quando chegaram os novos "donos" da terra

Expulsos

Os "comandantes" de São Lourenço expulsaram dos seus sítios, por considerarem-nos suspeitos, os Srs. João Alves do Carmo, José Tolentino, Eugênio Vicente Ferreira Filho, Jovelina Cândida Vicente, Maria d'Alva Bento Lima e Ronálio de Assunção. Seus sítios foram entregues a pessoas escolhidas por Joaquim Antônio, Maximiano Vieira e Francisco Silva.

Maconha

Durante o levante de Capivari, muitos participantes fumaram maconha. O Sargento Sebastião Vicente localizou, perto da piscina natural, um pacote da erva. O sargento tem realizado batidas contra os agitadores, e foi o autor da maioria das prisões relizadas na região. Declarou que sua luta só terminará quando ver presos todos os agitadores. Queixou-se de não ter a colaboração do subdelegado local, Sr. Mário Leite. O subdelegado recebeu um jipe da FNM para as diligências, mas segundo o sargento, transformou-o em objeto de uso pessoal.

O sargento vem realizando suas diligências graças à colaboração do Sr. Manuel Ferreira, uma das vítimas dos agitadores, que emprestou uma camioneta. Afirma que o subdelegado denunciou-o às autoridades de Niterói, alegando que as diligências estavam sendo feitas sem seu consentimento. O militar está montando um dispositivo para impedir que os homens de Joaquim Antônio ataquem de surprêsa a família da Professôra Maria Conceição Alves, ameaçada por sua atuação contra a agitação.

Tinham "Generais"

Depuseram na DOPS fluminense, Osmar Gonçalves Moreira e Géu Edison Mota, implicados na invasão de terras de Capivari. Disse Osmar, que caiu em várias contradições, ter recebido há 18 meses, do Sr. Seabra Matias Prata, presidente do Núcleo de Piranema, um lote como outros 300 lavradores em Capivari. Acareado com o "padre Aníbal" acabou confessando sua participação no movimento que tinha "generais", êle, Laert e Joaquim Capixaba, e "capitães", Géu, o "padre", "Capacete Verde" e Nilson, e dispunha até de canhões. Disse ter alvejado Paulo Valente, secretário de Tenório, que acompanhara o Sr. Feitosa, da SUPRA, para avisar aos invasores que o Presidente depositara quatro milhões para garantir desapropriações. O "padre", porém, entrou em rebelião, assumiu o comando, e acabou com os "generais".

Depõe Géu

Géu declarou que o movimento era pacífico e foi o "padre" quem o pôs em pé de guerra, obrigando os lavradores a assaltar. Confirmou que era mensageiro do núcleo do quilômetro 45, e foi ameaçado de morte por "Aníbal maluco" ao tentar desertar. Esclareceu terem feito trincheiras, porque souberam que o Exército ia mandar tropas. E atribuiu a culpa de tudo ao "padre". Êste afirmou que Géu era o encarregado de fazer explodir as cargas de dinamite. E informou que Luís Carlos Prestes participou, 10 dias antes da rebelião, de uma reunião em Nova Iguaçu. Os depoimentos terminaram na madrugada.

Aconteceu NOS JORNALEIROS

Este casal (ela é professôra) lidera a reação contra os agitadores

As pilhas de lenha ao longo da estrada mostram a verdadeira fonte de renda dos falsos lavradores

S. CONRADO

"LOTEAMENTO JARDIM PEDRA BONITA" (a 600 m da BOITE BEM pela Estr. do Joá. Local deslumbrante c/ visto p/ a praia de São Conrado e p/ os campos do Gávea Golf. Terrenos de 1 000 a 2 000 m2. Preço a partir de Cr$ 1 836 000,00 c/ pequeno sinal e saldo em 60 meses. Para outros detalhes solicite, sem compromisso, a visita de BAERE & LEMOS pelo tel. 22-3810, Rua México, 119, gr. 1 009 — 10.º andar.

Um "senhor negócio" para o Sr.!
(e a senhora vai adorar)

é agora!
é na CIPAN!
SUA GRANDE OPORTUNIDADE!

F·I·N·A·N·C·I·A·M·E·N·T·O
ELÁSTICO

PARA V. ADQUIRIR O SEU
WILLYS
E outras vantagens:
justa avaliação do seu carro usado.
Oficina no centro da cidade, com técnicos treinados na fábrica Willys, e peças legítimas a preço de tabela.
Aero Willys 2600
GORDINI
Dauphine
CIPAN 21 ANOS DE TRADIÇÃO NA VENDA DE CARROS DE CATEGORIA
Concessionária Willys
Salão-Exposição: Av. Pres. Wilson, 113-A (esq. Av. Rio Branco) tels.: 32-9426 e 22-6876
Peças e Super-Serviço: Av. Henrique Valadares, 150/154 - tel.: 22-1918

Lojas R. Assembléia
LAMPADAS FLUORESCENTES
20 - 40 WATTS — UMA — Cr$ 800,00
R. da Constituição, 59 - Tel.: 42-2878

SOFÁ-CAMA
Direto da fábrica, de 38 000 por 13 000. Rua México, 41 — S/604.

...e Albuquerque Filho
...logia, Diagnóstico precoce do Câncer e da ...veia, 46, s/510. Hora marcada: tel. 27-3397.

...n de Almeida
...85 - 2º ANDAR, GRUPO 212
...AS 19 HORAS
... • 22-3707 • 37-1512
...ARIZ · GARGANTA

NARIZ — GARGANTA
...INUSITE sem operação pela ...SIOTERAPIA
Ex-interno do SERVIÇO DE OTORRINO DA FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA
... 10h 30m, e das 14 às 16h 30m
...RMO, 6 — Salas 309 a 312

...TO-URINÁRIAS E SEXUAIS ...EM E DA MULHER
...STATITE — SÍFILIS — FRIEZA — ...AQUEZA SEXUAL)
...s aparelhagem completa para atender ...ICA — MOLÉSTIAS DA PELE E DOS ... — BRONQUITE — HEMORRÓIDAS
Com 32 anos de prática — Estudos, nos EUA e Europa
...30m às 10h 30m e das 14 às 16h 30m ... — RUA DO CARMO, 6 — Salas 809 a ... da Rua São José) — Telefone: 31-0252.

...AS CARDÍACAS
...ápido ao cardíaco por equipe ...da (cardiologistas do Hospital ... Estado — IPASE) — Dia e Noite.
...a — Remoções — Oxigênio
...efone: 27-0110
...ASILEIRO DE CARDIOLOGIA
...ng, 16 — Copacabana